ANO 8.º | Sexta-feira, 29 de Outubro de 1915 | NUMERO 394

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

Propriedade da Emprêsa

Oficina de composição, Rua Direita — Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões — AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

A situação

Anuncia a imprensa diaria o proximo regresso á capital do ilustre homem de Estado, sr. dr. Afonso Costa, facto, que segundo os mais bem informados, talvez se dê mesmo antes dos nossos leitores nos dispensarem a honra de abrirem este jornal.

Se a época nada tem, presentemente, de convidativa para o prolongamento da estada de s. ex.ª por as elevadas e frigidissimas altitudes da serra, não nos oferece duvida que o seu regresso obedece em especial ás gràves necessitades de momento, que se aglomeram, densas e pesadas, numa assustadora iminencia de choques, violentos e perigosos, que o patriotismo e o bom senso impõem que se evitem a todo o custo, para salvaguarda dos altos interesses e destinos da Patria portuguêsa, que tem de ser respeitados.

Despidos de sectarismo, absolutamente limpos de outros sentimentos que não sejam aqueles que devem concorrer para o engrandecimento da Nação, á sombra austéra e nobre das instituições vigentes, nós, como todos quantos encaram os acontecimentos que dia a dia se precipitam, envolvendo o país nesse circulo pavoroso que aterra a humanidade inteira, dificultando a sua vida interna, que a ganancia miseravel de muitos e a politica criminosa de outros pretende ainda agravar, reconhecemos a necessidade imperiosamente inadiavel de *alguem*, que, possuindo as qualidades necessárias, acuda, com o seu alto critério, com o seu nunca desmentido patriotismo e indomavel coragem, a assumir a alta direcção dos nossos destinos, de olhos fitos no futuro da Patria, què seria o ultimo dos crimes e das traições abandonar, entregue aos perigos e gravissimas dificuldades, que a cercam e ameaçam.

Governos passageiros, sem responsabilidades partidarias definidas e programa correspondente com objectivo determinado, pódem ser suportados em épocas de absoluta tranquilidade, sem embaraços; mas no momento presente, assoberbados com dificuldades internas de reconhecida importancia e ameaçados de verdadeiros perigos que a fatalidade da situação externa ergue deante dos nossos olhos, como fantasmas aterradores, áparte a clarissima situação parlamentar, reflexo inconfundivel da vontade nacional, não é cértamente patriotico nem constitucional que continue e que e não seja respeitada a vontade do povo português.

Assim, tudo que não seja definir a atual situação politica, encarnando-a nos que pódem e devem bem servir a Patria, pelo seu talento e pelo seu mérito, será um acto gràvemente perigoso que a nação inteira mal dirá, com o sagrado dever de pedir contas a quem de direito.

Vamos; acabe-se com esta palinodia.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

---

Films...

Alpoim, o monstro

Não faz a coisa por menos, *A Montanha*, que, referindo-se ao emerito comediante, escreve:

«Continúa o ajudante da Procuradoria Geral da Republica e comissario do govêrno junto da Companhia do Niassa, sr. conselheiro José Maria de Alpoim de Cerqueira Borges Cabral, a infamar no *seu Janeiro* as instituições republicanas. Esquecendo-se—ou fingindo esquecer-se—de que a monarquia dos Braganças caíu, não apenas por que a aspiração do povo português era proclamar a Republica, fórma mais avançada e nobre de govêrno, mas tambem porque os erros e crimes do antigo regimen, praticados por ele e pelos seus socios das quadrilhas ao serviço da realesa, já eram absolutamente intoleraveis e punham em perigo a honra e até a existencia da nação, este raivoso adversario do regimen pretende fazer acreditar aos seus leitores que estamos peor que no tempo dos adeantamentos e da falperra de manto e corôa!

Na carta de ontem transcreve em normando trechos tendenciosos de um orador de politica vesga, para demonstrar que vivemos num regimen de verdadeiro terror, o que toda a gente vê ser absolutamente falso; e termina por afirmar que nos tempos da ditadura franquista tinha mais liberdade que hoje para apreciar e criticar factos.

Hoje, diz ele, os regulamentos não o deixam!

O tartufo! O repugnante intrujão!

... Mas será toleravel, será possivel que esse funcionario de alta categoria e de confiança dos governos republicanos possa continuar impunemente a afrontar a consciencia republicana e a ferir em pleno coração a propria Republica?»

E' por estas e por outras que poucos tomam a sério a segunda lei de separaçãa ou do *afasta*. Pois se os *monstros*, como o Alpoim, ninguem os enxérga...

Um escandalo

Telegramas de Paris noticiam que a justiça militar mandou publicar todos os detalhes ácêrca dum escandalo de isenções que lá se deu, tendo-se averiguado que são doze os acusados de terem sido livres em virtude das manobras do dr. Lombard e seus cumplices, dentre os quaes se destacam um general e tres cirurgiões-móres, a quem vai ser aplicado o devido castigo.

Se fosse cá obtinham premio. E se pertencessem á classe dos *homens politicos, politicos republicanos e republicanos democraticos* não só isso como ainda um diploma que os acreditasse como pessoas *honradas*, de inconcussa probidade...

Completo

Por uma gravura que veio á luz, ontem, no *Riso do Vouga*, vê-se que o *João da Bandeirinha*, pobre maniaco que diariamente percorre as ruas da cidade cantarolando a sua desdita, tambem faz parte da redacção do orgão que levanta o nivel...

Era só o que lhe faltava.

A mulher

Na opinião de Socrates a mulher é um monstro da naturêsa... acrescentando o Mestre de Athenas que *é bem mais terrivel o amor duma mulher que o odio dum homem.*

Talvez que o amor de Aspasia—que Pericles ambicionava e teve—tornasse amarga a vida ao filosofo, e a consequencia dessa amargura criasse a opinião de Socrates a respeito das mulheres. De opinião aproximada era Oscar Wilde—*foi pela mulher que veio ao mundo o mal*—diz o Petronio do seculo XIX. E um santo varão, cujo nome não nos ocorre, defeniu a mulher—*o abismo do pecado!*

O peor é se nesse voluptuoso abismo não teem caído os mais pintados...

Uma nega...

O conselho superior de administração financeira do Estado recusou o *visto* á nomeação do sr. dr. Arsenio Botelho de Souza, que como se sabe, fôra nomeado para o cargo de medico inspector das aguas minero-medicinaes com churudos proventos, consoante a sua vontade.

Merece aplausos e pena é que *negas* destas se não repitam, muito embora não façam caso delas os que estão apostados em dar cabo disto...

Governador geral da India

Num grandioso comicio realisado no dia 24 do corrente em Nova Gôa, a que assistiram individualidades de todos os partidos, seitas, castas e classes sociaes, foi resolvido pedir ao nosso muito presado amigo e ilustre conterraneo, dr. Couceiro da Costa, em nome das municipalidades e do povo da India, que acedesse ao desejo do govêrno para que se conserve no exercicio do seu cargo a bem dos interesses daquele Estado.

O sr. dr. Couceiro da Costa depois duma tal insistencia acedeu á solicitação que lhe era feita, motivo porque é geral a satisfação na India e mórmente em Nova Gôa onde se realisaram grandes manifestações de regosijo publico, devendo depois de ámanhã efectuar-se um sumptuoso baile no qual vão comparecer as mais distintas familias para ele convidadas.

SINDICANCIA

Pela Junta de Paroquia da freguezia de Aradas foi ha tempo requerida ao sr. governador civil do distrito uma rigorosa sindicancia aos actos das juntas presididas pelo vigario Pato e agora pretende tambem o antigo secretário, sr. Antonio da Rocha Martins, que a sindicancia abranja o periodo de 1896 a 1899 em que ele prestou serviços nessa corporação.

Como nos conste que o sr. dr. Eugenio Ribeiro ainda nada fez com relação ao que instantemente lhe fôra solicitado, aqui lhe lembramos a conveniencia de providenciar quanto antes, deferindo o pedido da Junta.

Uma fita politica em Oliveira de Azemeis

BARBOSA DE MAGALHÃES EM FÓGO

Os factos que neste concelho ultimamente se teem passado á volta dum despacho de oficial de deligencias, são, na verdade, uma fita politica de baixa comedia em que é principal protagonisto efectivo o sr. dr. José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães. Este celebre e indispensavel deputado, que na vigencia da monarquia pertenceu a todos os partidos fieis ao regimen e que hoje é um dos marechaes do partido democratico—autentico conselheiro Acacio do meu homonimo—tão bem tem representado o seu papel que ninguem ha já neste burgo que não conheça a fundo os elevados sentimentos de que é dotada a sua alma de politico... avançado. Mas se alguns oliveirenses ha ainda que afirmem ou confessem o contrário, é porque um calculo de interesses ou uma desmobilisação cerebral assim os determinam, assim os prostitue.

De barbas negras e compridas e de monoculo no olho o dr. Barbosa de Magalhães se nos apresenta em modelidades frégolianas cada qual a mais interessante, a mais carnavalesca. Umas vezes cumprimenta afectuosamente e em juramentos feitos um correligionario fundador de centros monarquicos; outras vezes bajula em cacique, que, de nariz no chão, fareja ainda o partido que mais lhe convem; e ainda outras olha sobranceiramente os que á Republica tem prestado serviços e que no seu coração agasalham um acrisolado amor pelas novas instituições patrias. Aos primeiros, que nutrem pela Republica um odio de morte, ele se esforça por lhes fazer tudo quanto o seu largo estomago e a sua insaciavel vaidade ambicionam; aos segundos, que cobrem com pés e mãos todo o grande taboleiro do intrincado xadrez da nojenta politica reinante e que teem a alma a pairar agoiramente sobre as palhotas dos seus desgraçados escravos, vai abraçando cordealmente e sorrindo nessa dôce esperança de subordinação; e, finalmente, aos terceiros, num palrar mavioso e de amigo de infancia, vai prometendo sob sua palavra de honra, que todas as suas indicações e desejos são cumpridas e satisfeitos a bem da coesão partidaria e da propagação dos principios.

E' um verdadeiro comediante na baixa comedia. Não lhe falta nem a habilidade para uma escamoteação, nem a mestria para uma cambalhota de palhaço, nem a inteligencia, para de relance, compreender o auditorio e empulgar, em freneticos aplausos, a plateia.

Desde o seu franzino e agil corpo até á sua cara de mascarado se revela um artista de mão-cheia, que tem pizado muitos palcos de feira.

Poucos, muito poucos republicanos deste concelho soubéram desde o principio conhecer o artista e compreender o significado do seu sentir; mas esses poucos viram nesse deputado um palhaço e não se esqueceram de que um *clown* chora sorrindo e sorri chorando.

O prisma pelo qual foi visto o dr. Barbosa de Magalhães não foi infelizmente egual para todos os oliveirenses, que olham a Republica na consubstanciação da Patria.

Uns, não desprezando o passado e a hereditariedade, marcaram-lhe na alma o estigma da intrujice, no peito o rotulo de vazio e no epigastro o letreiro de fome; outros, apesar de bem conhecerem os seus actos pessoaes e dos seus antepassados, julgaram sempre, arrastados pela sua bondade, que o meio havia modificado bastante a sentimentalidade estructural e que a sua inteligencia e qualidades de trabalho faziam um todo harmonico com a dignidade. Aqueles tentaram imediatamente de combater as suas investidas artimanhosas, de lhe cortar os vôos de grande passaro... bisnau, pondo de sobre-aviso os incautos; estes, em numero superior, trabalharam em acordos implorados para alcançar uma maioria que abafasse os fraternaes gritos de álérta dos seus adversarios, a que déram a alcunha de *visionarios* ou de *intransigentes*. E por muito tempo conseguiram que o deputado Barbosa de Magalhães fosse um idolo, um salvador deste desgraçado torrão, de longos anos entregue á escravatura claustral dos senhores dos votos. Mas—desgraça das desgraças!—estavam tão obsecados que não viram que a maioria dessa multidão se sórria de contente, escondendo os rostos entre as golas do casaco.

Como, porém, a verdade não se afoga e fortifica a luz, um dia havia de amanhecer de ricas vestes primaverís em que a pequenina minoria havia de triunfar, mostrando publicamente, com factos caseiros, que os *visionarios* estavam dentro da realidade, que os *intransigentes* eram apenas uns defensores leaes das regalias dum povo, que principiou a respirar liberdade no dia 5 de Outubro de 1910. E esse dia raiou com a primeira carta que o dr. Adolfo Coutinho, *impedido* confidencial do deputado, escreveu ao presidente da comissão municipal politica deste concelho.

Até então, por mais factos que se apresentassem da vida publica e politica do inegualavel deputado, havia sempre uma desculpa, tinham sempre uma resposta de esperança.

O homem, diziam eles, modificou-se, renegou o passado, converteu-se ao novo crédo e todos devem ter confiança nele, porque a sua scintilante inteligencia e os seus eruditos conhecimentos são os fiadores idoneos da sua adaptação aos novos principios. Por mais esforços que fizéssemos para lhes chamar a atenção para o redemoinho dos sentimentos, a nada eles se demoviam. Eram sincéros crentes dum falso Deus.

E quando um grupo de republicanos se opoz á sua candidatura por este circulo, ainda essa maioria partidaria do José Maria tentou convencer os dissidentes democraticos, da honestidade politica do candidato, apontando o perigo dos catolicos (aliados eleitores de Barbosa de Magalhães) e prometendo que este deputado viria perante nós dar a sua palavra de honra de que jámais trairia a comissão politica, os republicanos!

Causou-nos tanta tristeza a ingenuidade da comissão politica que a muito custo teremos de declarar que o dr. Barbosa de Magalhães não podia dar aquilo que não possue e que ninguem lhe empresta.

Recordâmos-nos perfeitamente dessas declarações nossas, feitas numa reunião a que assistiu o deputado Marques da Costa. Saímos de lá com a responsabilidade ilibada das consequencias futuras e com a firmeza de que em bréve a comissão politica se havia de arrepender da protecção que dispensava ao dr. Barbosa de Magalhães. Prognosticámos então que não levaria muito tempo que a comissão politica sofresse uma desilusão, levando o maior dos pontapés que a ingratidão interesseira podia dar.

Quando nas vesperas das eleições, de automovel, vimos o dr. Barbosa de Magalhães, acompanhado por republicanos e monarquicos, bater á porta de influentes eleitoraes, mendigando a sua protecção, rimo-nos com tristeza da figura que os nossos correligionarios faziam. Chegámos a dizer a alguem, que não tem facciosismos, que não se compreendia a inercia de reflexão, de raciocinio dos nossos correligionarios perante factos tão palpaveis. Pois como queriam esses nossos correligionarios interpretar o acto praticado nas vesperas pelo dr. Anibal Beleza, trabalhando para a fundação dum centro monarquico e sendo seu companheiro de automovel? Pois não seriam valores entendidos entre o deputado e Beleza para a destruição dos republicanos, assaltando-lhes a direcção politica, desalojando-os das suas posições? Não seria tudo isso um manejo de Judas para a entrega dos apostolos da Republica aos nossos inimigos?

Essa primeira carta escrita pelo dr. *impedido* foi o primeiro passo de felicidade para os republicanos, foram os primeiros raios de luz acariciadora, despertando a razão para a realidade. Foi ela o inicio desta grande comedia, desta grande *fita*, que ainda se desenrola e que servirá de assunto aos nossos artigos seguintes.

Lopes de Oliveira
(Medico)

AS SUBSISTENCIAS

A repartição fiscalisadora de generos alimenticios e combustiveis de primeira necessidade publicou ultimamente uma tabéla de preços de petroleo e de gazolina para venda, por caixas, nas provincias, não podendo, em Aveiro, o primeiro artigo ser vendido a mais de 4$30 e o segundo a 4$85.

Olha o favor! Sim: porque nós só queriamos que nos explicassem do que vale ao consumidor virem aquelas mercadorias por via maritima mesmo até á porta do armazem onde vão ser vendidas, o que indubitavelmente fica mais barato do que transportadas pelo caminho de ferro, se no fim de contas tem de pagar tanto como nas outras partes, quando não mais ainda.

Pae de infinita misericordia: dái-nos paciencia e ainda a muita é pouca para aturar os taes senhores das subsistencias, que nos saíram uns bons maduros...

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

SINGULAR CONTRASTE...

A marcha da Republica

Os contentes e os descontentes

O que nos diz um velho republicano
O que nos afirma um antigo monarquico

Cabisbaixo, o olhar um pouco amortecido, mordendo nervosamente o resto do seu charuto, daqueles cuja cinta não atesta um preço elevado, o nosso velho amigo, o correligionario de sempre, caminhava a passos lentos por uma das ruas da Baixa. A diversidade dos nossos afazeres ha já mezes que nos afastára daquele convivio de todos os dias, de toda a hora mesmo. E' cérto que tinhamos notado, vezes sem conta, a sua ausencia em ocasiões identicas áquelas em que ele era dos primeiros a comparecer. Atribuimos, porém, o facto a qualquer nomeação que o houvésse, de cérto modo, compensado dos sacrificios de outróra e que por consequencia, o nosso amigo distraía a sua atenção pelos deveres do cargo em que a Republica o investira. Puro engano... Senão, veja-se:

Considerações para reflectir. — Um desiludido que se afasta de politica

—Então, que é feito de você? Venha de lá esse abraço!...

O velho amigo, surpreendido com as nossas exclamações, hesita um pouco e depois decide-se:

—Folgo em vêr que não pertence ao numero dos que já me não conhecem...

A atitude do nosso correligionario surpreende-nos tambem. A curiosidade espicaça-nos e eis-nos, caminhando a seu lado, no intuito de conhecer as razões que levaram o companheiro de outros tempos a falar-nos assim... Quando, num dado momento, lhe perguntámos o que pensa sobre a atual situação politica, ele, com cérto enfado, responde-nos:

—Politica?! Peço-lhe que me não fale de semelhante coisa. Fiquei farto, meu amigo. A minha politica hoje é, apenas, o tratar dos negocios do meu estabelecimento, que tão descurados deixei andar durante os ultimos anos...

A nossa surpreza subiu de ponto. Não estávamos, acaso, em frente do revolucionario, do propagandista, do combatente energico e disciplinado de outróra?

Não estavamos falando ao homem, que, no tempo da monarquia, tanta vez se expoz aos maiores perigos, quer conspirando ao lado de republicanos, muitos dos quaes teem passado pelas cadeiras do poder, quer apregoando bem alto, nos comicios publicos, a sua fé ardente pela causa que defendia?

Não era ele uma das mais perseguidas vitimas da ditadura franquista, um dos republicanos que estivéram no forte de Caxias?

E, não seria ainda o mesmo homem que com uma inexcedivel dedicação consagrou a sua prodigiosa actividade e a sua fortuna á causa da Republica, á causa da instrução popular e que contribuiu poderosamente para que se puzésse em prática a benemerita obra de assistencia?

—Que diabo! Você compreende: um homem que como eu tem sofrido tanto dissabor, tanta decepção—acrescenta o nosso amigo—não é para admirar que chegue a aborrecer-se até de ouvir falar em politica. Tive ilusões, não ha duvida, e grandes... mas, hoje... limito-me a assistir, contristado, ao espectaculo que nos oferecem os politicos no seu duelo de *morrer ou vencer* para satisfação unica e exclusiva das suas ambições e não com o intuito elevado de trabalhar para o engrandecimento do País.

—Pessimismo, meu amigo...

—Qual pessimismo! E' a verdade, núa e crua, livre de paixão. Trabalhei, sacrifiquei-me, fiz tudo quanto em minhas forças coube para vêr a Republica triunfante em Portugal. Vi realizada essa aspiração e, sem pedir nada, sem querer coisa alguma, continuei a servi-la com o mesmo zêlo, a mesma dedicação, certo de que cumpria um dever. A vaidade, porém, dos homens a quem o prestigio e o valor intelectual valeram para serem colocados á frente da nossa politica, levou-os bem cedo a esquecerem que o novo regimen se havia implantado, não para continuar os processos da monarquia, mas sim para acabar de vez com eles. E que sucedeu? Os republicanos, os velhos republicanos, passarem a ser esquecidos; o seu conselho, a sua opinião começou a parecer inoportuna e nada, nada houve que conseguisse evitar que acima dos altos interesses da Patria se colocassem a ambição e o interesse pessoal. Mas, para que falar de politica? Deixe-me, velho amigo, esqecer de que cometi todas as loucuras para, passados apenas cinco anos, tambem eu pertencer ao numero daqueles que dizem:

—Ah! Não foi esta a Republica que eu sonhei!...

A mesma tactica dá melhores resultados com a Republica do que com a monarquia

—Se queres, apresento-te.

—Pois sim. Gostava de o ouvir.

—Então, melhor será esperarmos que ele esteja só. Entretanto, vou fazer-te a biografia, em rapidos traços, do teu futuro *amigo*... Este cavalheiro é descendente de uma familia de fidalgos arruinados. Mantendo relações com vários couceiristas, tomou parte na primeira incursão de conspiradores, valendo-lhe a anistia. Depois, voltou a Portugal e, não sei como, apareceu feito secretário de ministro. O govêrno caíu, mas como ele é homem para resistir, anichou-se numa rendosa comissão, donde saíu para ocupar o cargo de governador civil dum dos distritos do norte. Hoje, é o que sabes... e está em vesperas de lhe ser servido um prato mais á meza do orçamento. Mas... lá ficou ele só. Aproximemo-nos...

E o amigo comum apresenta-nos. Gentilmente, o antigo conspirador e hoje pessoa de maior conceito no regimen, oferece-nos um lugar a seu lado, mas... á meza do Martinho, claro.

Falámos de tudo um pouco, e a bréve trecho, a politica era o assunto escolhido para divagações:

—Então, o nosso Afonso toma conta disto ou não?—pergunta-nos ele.

Respondemos-lhe qualquer coisa e pedimos-lhe a sua opinião sobre a situação politica.

—Entendo que a nossa intervenção no conflito europeu se devia efectuar o mais rapidamente possivel. Note: eu tenho resalva definitiva, favor que devo a um amigo de José Luciano, mas julgo que era um dever patriotico auxiliarmos a nossa aliada. Com respeito a govêrno, sería suspeito emitir uma opinião. Mas, aqui que ninguem nos ouve, para mim todos me servem.

—Está claramente provado... apoiámos.

—A razão desta minha maneira de pensar poderá parecer éstranha, mas eu lhe explico. E' uma questão de habito, de tradição... embora a monarquia nunca tivésse satisfeito qualquer das minhas modestas aspirações; creia: nunca consegui um lugar de amanuense, apezar de não haver festa de igreja a que faltasse, ou procissão em que não tomasse parte, e de tanto ter caluniado os republicanos, entre os quais o dr. Afonso Costa. Elevado á posição em que me encontro, trato apenas de reparar bem para os que *sobem*, porquanto os que *descem* não me interessam. E' ao lado daqueles que en estarei sempre. Já assim pensava no tempo da monarquia, mas nunca me deu o resultado que tenho colhido com a Republica.

E já que lhe falo de Republica, deixe-me dizer-lhe que por ser um regimen de moralidade é que a ele aderi, embora o facto represente o maior sacrificio que poderia fazer: o de cortar as relações com algumas pessoas de minha familia.

E' verdade que essas mesmas pessoas não tivéram duvida em me darem por interdito quando, por causa da politica monarquica, cometi algumas loucuras... Pois bem: eu rompi preconceitos e tradições, aderi á Republica absolutamente convencido de que essa *tropa fandanga* dos monarquicos já não consegue os seus desejos. Hoje, póde crêr, apenas um facto me desgosta: é o vêr que ainda ha, relativamente: tão poucos monarquicos investidos em cargos de responsabilidades como o meu. Porque, acredito se se dér ao trabalho de ouvir muitos dos meus antigos correligionarios, hade ouvir-lhes dizer o que lhe posso afirmar neste momento:

—Decididamente, é esta a Republica que eu sonhei!...

Estas duas scênas são respigadas do nosso coléga lisbonense, *O Povo*, que, como se vê, continua imparcialmente a ocupar-se da vida politica portuguêsa com toda a exatidão e uma grande dóze de intransigencia na defêsa dos bons principios por que se tem guiado desde a sua vinda para publico.

Oxalá se não arrependa e prosiga.

Saudações

O sr. Anselmo de Andrade enviou ao sr. Presidente da Republica a seguinte carta:

«*A Sua Excelencia o Presidente da Republica*

Tão sinceramente como lhe tenho falado sempre em largos anos de amistoso convivio, venho nesta data, decisiva para V. Ex.ª e para o país, apresentar-lhe os meus cumprimentos. De todas as veras lhe desejo as maiores prosperidades e que estas se confundam numa felicidade comum com a prosperidade da Patria. Em hora dificil, mas bem inspirada, foi V. Ex.ª chamado ás altissimas funções de Chefe do Estado. Vai presidir á Republica durante quatro anos. Neste periodo ou se afunda ou se salva a nação.

Tem V. Ex.ª nas suas mãos os destinos do país. Nos tempos que vão correndo, de formidaveis complicações para todos os chefes de Estado, não é V. Ex.ª o que vai ter menos responsabilidades. Será um peso, mas é um estimulo.

Faço sincéros votos para que saia bem deste passo dificil. Tem qualidades para isso. Agora, que a bôa fortuna o cubra, tanto para gloria de V. Ex.ª como para proveito do país.

Com mil desejos de que assim aconteça

5 de Outubro de 1915.

Anselmo de Andrade»

Além desta uma outra carta do punho do sr. dr. Antonio de Azevedo Castelo Branco foi recebida na residencia do sr. dr. Bernardino Machado em que o venerando ancião é saudado pela sua ascenção ao elevado cargo de chefe do Estado, dizendo-lhe mais o sr. Castelo Branco que confia abertamente no seu talento, na sua experiencia de estadista e nos primores da sua índole generosa e cativante.

A *Nação* não gosta, mas tenha paciencia. Tambem nós não gostâmos da *Nação* e todavía temos de lhe aturar a rabugem.

Notas mundanas

Para continuar a sua educação no Colegio da Senhora da Conceição veio de Ilhavo a menina Inocencia, interessante filha do digno comandante nautico, sr. Antonio da Rocha Agra.

✠ *Da praia do Farol regressaram ás suas casas de Travassô e Eirol os srs. José Tavares Lavoura, Joaquim Simões dos Reis e Marcelino Fernandes Branquinho.*

✠ *Esteve doente em Lisboa o sr. dr. Alberto Vidal, ex-governador civil deste distrito.*

✠ *Por virtude dum desastre que sofreu, guarda o leito a mãe do sr. dr. João Maria Simões Sucêna.*

✠ *Está em Lisboa, o sr. Barão de Cadoro (Carlos), capitão de cavalaria 8.*

✠ *Segue hoje para Mafra onde vai fazer tirocinio para alferes o 1.º sargento de infanteria 24, Celestino Batista da Silva.*

Significativo

Noticiando a estada do deputado democratico Barbosa de Magalhães em Oliveira de Azemeis, no dia 24 do corrente, *O Radical*, orgão seu partidario no concelho, escreve:

«Esteve, domingo, nesta vila o sr. dr. Barbosa de Magalhães, deputado por este circulo, que era acompanhado do sr. dr. Adolfo Coutinho, director da policia de investigação criminal de Lisboa e ex-dirigente da politica democratica de Macieira de Cambra.

Consta-nos que o distinto parlamentar veio conferenciar com alguns antigos monarquicos que estão dispostos a ingressar no nosso partido, e, ao mesmo tempo, tratar da questão, da já célebre questão do oficial de diligencias, em que, diga-se, por agora, de passagem, muito tem trabalhado uma desatorada intriga por parte de alguns, e foi posta em cena a traição mais reles por parte de outros.

De positivo nada sabemos do resultado da conferencia havida, e só nos consta que pouco ou nada se fez sobre a organisação do partido.

O sr. dr. Barbosa de Magalhães hospedou-se no Hotel Avenida, onde, com sua ex.ª, almoçaram alguns dos individuos que, diz-se, dão a sua adesão ao partido democratico.

Por fim, resta-nos dizer que entre os antigos republicanos foi mal vista a presença aqui do sr. dr. Adolfo Coutinho, que nós não queremos vêr intrometer-se nas nossas coisas politicas, nem estamos dispostos a consentir que continue a querer *mandar*.

Temos o exemplo da maneira como procedeu com os nossos correligionarios de Macieira de Cambra que se viram obrigados a escorraça-lo.

Quando outras rasões não houvésse, que as ha, bastava esse seu procedimento para o desejarmos bem longe de nós.

Vá para longe para não nos incomodar!»

Se é ou não significativa esta harmonia entre a cristandade democratica de Oliveira de Azemeis, os leitores que digam. A nós parece-nos que onde quer que esteja o sr. Barbosa de Magalhães aí se acha a desordem, a barafunda, a anarquia.

Não faz a coisa por menos.

Regencia de escolas

Foram admitidas á regencia interina de escolas da 2.ª circunscrição escolar, sem prejuizo das já inscritas, as professoras desta cidade Virginia da Rocha Trindade e Berta Reinol.

O padre deve ser só padre

Conforme a antiga organisação social, o padre era homem que podia desempenhar mil oficios, entre os quais se notavam os de advogado, no fôro, ou mestre, na cátedra.

A educação religiosa, considerada sob o aspecto de perigo social, deve ser eliminada radicalmente da escola infantil.

A moral católica, assente sobre burlas perniciosas e doutrinas dissolventes, sobre atrofiar as faculdades intelectuais e a sensibilidade moral, predispõe o educando para o cometimento de acções preversas e ignobeis resultantes do espirito acanhado de seita.

Daí a necessidade absoluta de reduzir a educação religiosa áquela porção da sociedade que se quizer dedicar conscientemente a esse estrabismo.

Portanto, o padre, director dessa classe, não póde nem deve ser empregado noutros mistéres, porque em qualquer ramo de ensino ou de actividade profissional, hade transmitir ao meio ambiente as doutrinas sectaristas da sua crença.

Neste sentido, um advogado ou um professor que, pela palavra exercem a sua influencia sobre o animo dos que o cercam, não pódem ser padres de qualquer religião, pois têm de pôr acima das leis do país, os dogmas e preceitos do seu deus e da sua igreja.

Mas, dir-se-ha que ha muitos padres que são professores ou advogados, que conquistaram seus diplomas legais e que sería injustiça privá-los do exercicio dum cargo para a consecução do qual trabalharam e gastaram tanto tempo e dinheiro como os que não são padres.

Muito bem. Mas então abandonem a vida de padres, tornem-se como os que o não são, e continuem a ensinar ou a advogar. Ninguem os quer proibir do honroso mister de magistrados ou funcionarios civis; o que se pretende, dentro das normas da rasão e do espirito libertario do regimen, é que os padres sejam sómente padres. Assim como um medico não póde ser padre—e é já lei antiga—assim o advogado ou educador não deve ser padre, por motivos e rasões muito mais imperiosas.

Além disso, é conforme ao proprio espirito cristão que um padre não ocupe oficios profanos e alheios á missão da propaganda cristã.

S. Paulo, quando se converteu ao cristianismo, deixou de ser capitão das hostes romanas.

S. Pedro, quando convidado por Cristo para seu discipulo, abandonou barcos e redes. Ha um ditado que diz: *quem não quer ser lobo, não lhe veste a pele.*

Ora, quem entende que a vida de padre não lhe enche as medidas ou o estomago, não a abraça; uma vez, porém, padre, deve contentar-se com os proveitos ou precalços desse oficio, ou abandoná-lo, como eu fiz, para servir á sua consciencia e ao interesse social.

Só assim o padre se dignifica e dignifica a sociedade.

Como se póde tomar a sério um padre que vai acusar ou defender um réu, sabendo, porque o póde saber na confissão sacramental, que ele é ou não um criminoso, torcendo os debates a favor da mentira quando ele jurou na ordenação diante do seu deus e dos homens não apregoar senão a verdade em juizo e fóra dele? Esse padre no tribunal dirá que ali se faz juizo pelas provas; bem sabemos isso; mas esse padre, pelo dogmatismo da sua crença, não deve defender criminosos, mas só absolvê-los quando arrependidos estejam prostados a seus pés fazendo um acto de contricção na gaiola do confissionario. Lá é que ele é advogado e juiz. No tribunal civil esse homem é um intruso e um especulador perigoso.

Egualmente, como se póde tomar a sério um padre que vai para a aula explicar sciencias naturais e dizer aos alunos o que é o arco iris, se a sua biblia lhe prescreve que é um **sinal de aliança** entre Deus e os homens, depois do pecado de Adão? Como hade esse padre na escola explicar a filosofia da historia se perante o seu deus tudo que acontece é por sua permissão?

As leis da Republica, fruto de um estado avançado, em países cultos, como pódem ser explicadas com rigor de critica por quem as não póde aceitar, antes as julga obra de Satanaz?!

O padre, portanto, que perante a lei da Separação, já ficou muito restrito ás simples atribuições do seu mandato, deve, a bem da Republica, limitar a sua acção á propaganda do seu apostolado religioso.

Uma lei se impõe, urgente e preventiva, moralisadora e—o que é curioso—eminentemente cristã—retirar o padre do professorado, tanto livre como oficial bem como desviá-lo da tribuna forense.

O clericalismo, prevendo só a dizer missas e a prégar sermões, não consegue fanatisar as gerações novas, mete-se cautelosamente nas escolas onde a sua acção é tão proficua como deletéria.

O govêrno tem restrita obrigação de mandar encerrar esses coios onde esteja um padre só que seja a dar aulas, ou obriga-lo então a ser sómente professor.

Esta é a verdadeira doutrina, deduzida dos conhecimentos e experiencia de quem por lá passou.

Camilo de Oliveira

PELA IMPRENSA

Saíu em Matosinhos com o titulo de *O Vigilante* um novo semanario que se propõe defender a politica do Partido Republicano Português e cuja visita agradecemos.

= Passou o aniversario do nosso coléga da Regua, *Cinco de Outubro*, que, com abnegação e denodo, tem prestado ás instituições republicanas os melhores serviços.

Afectuosos cumprimentos.

Pedem-se providencias

Ao digno chefe da estação do caminho-de ferro desta cidade, agora em obras, vimos lembrar a necessidade da construção provisoria dum abrigo para os passageiros, durante o inverno, pois nos parece mais que insuficiente a cobertura construida para esse fim, isto além das acanhadas dimensões que possue não permitir que dela se utilisem todas as pessoas que tenham necessidade de o fazer.

Um barracão, um barracão é que estava a calhar atendendo ao grande movimento que todos os dias se nota de passageiros que aqui embarcam e desembarcam.

NAVIOS ENTRADOS

A' excepção do *Anfitrite* já se encontram dentro do nosso porto as restantes embarcações que se ocuparam na pesca do bacalhau, tendo entrado esta semana, rebocados pelo *Lynce*, os lugres *Dolores*, *Nautico*, *Maria Luiza*, *Sofia* e *Lucilia*.

Como tivémos ocasião de dizer num dos numeros anteriores, a carga não é inferior á dos mais anos, podendo-se até computa-la muito superior ás de 1913 e 1914.

Assim os preços, que vão insidir sobre o *fiel amigo*, tendessem a harmonisar-se melhor com a bolsa do pobre...

CARTAS DUM EXILADO

—=(*)=—

Ao padre Firmino Marques Tavares

V

Continuou por mais algum tempo a directoria do seminario, até que por ordem superior, foram arrolados os moveis e seiadas as portas do mesmo.

Estavamos em férias, quando tivémos a noticia de que tinha sido fechada aquela casa de instrução, e quem desejasse seguir a mesma carreira, poderia continuar em cinco casas, que iam fundar com o nome de *republicas*, excepto um grande numero, que cursariam num colegio, *Internato dos Carvalhos*, o terceiro ano dos liceus e no numero dos quaes eu era incluido.

Na pouca distancia que separava a nossa *republica* do dito colegio, havia uma moça, singular pela sua beleza.

Não encontro energia bastante para descrever a sua formosura divinal, mas contudo, traçarei resumidamente a sua fórma angelical, que surpreendia a nós todos.

Era bela entre as mais belas!

Cabelos anelados e sedosos, que se estendiam até ao chão, olhos grandes e vivos, pretos como as amoras, rosto faceiro e senhoril, encantador como as estrelas, seios provocadores e atrativos, compostos simetricamente, enfim, era a candura na sua essencia, era a beleza no seu gráu mais elevado.

Iludido pelo amor, cégo pelas paixões e levado pela liberdade mais firme que então ausufruia, tentei, com energia, declarar-lhe que a amava, o que fiz por meio duma carta. Isto não sería mui dificultoso, mas obstaculava-me a passagem da missiva.

Como deveria eu dar este passo, se quando iamos ás aulas era sempre acompanhados por um dos prefeitos, que eram as verdadeiras sanguesugas da nossa pensão trimestral, pois era bastante o que dispendiamos para nos alimentarmos regularmente. Dentro em pouco encontrei solução.

Havia um companheiro, que por não haver mais vagas na casa que nos albergava, teve de alugar um quarto á sua custa e este era mesmo fronteiro á moradía da deusa divina.

Como meu amigo, que era, e companheiro fiel nos segredos da nossa vida, incumbi-o de, embora lhe fosse penoso, ser o correio secreto da nossa correspondencia amorosa, e prosegui o caminho.

Obtive uma respostas á minha primeira carta muito satisfatoria, o que, para falar a verdade, não esperava, e proseguimos incontinente a carreira brilhante das nossas aventuras misteriosas.

O que me penalisava era não lhe poder falar verbalmente, não só porque me era dificultoso, mas sobretudo porque não queria dar nas vistas do povo tagarela e inquieto. A minha liberdade nas cartas já era tanta, e as respostas eram tão justas, que decidi, embora me fosse funesto, convidá-la para uma entrevista. E assim foi. A's horas combinadas, no logar indicado, encontrei, esperando, a deidade que amava, e por quem já sentia pularem-me todas as véras do meu coração.

Foi um momento de alivio, e fiquei com esperança de nova entrevista.

Decorreram-se os dias, sucederam-se os mezes, e a nossa vida era cheia de mistério e felicidade, porque, tinha a certeza, era amado por uma creatura toda béla e meiga, plena de meiguice e repleta de carinhos!

Deixamos o leitor neste ponto e vamos descrever agora a principal causa da minha expulsão, minha e de dois companheiros mais, condenados todos pela mesma causa e pelo mesmo juiz, e acusados injusta e covardemente pelo mesmo hipocrita e pelo mesmo infame.

Este, era um misantropo, inteligente e calculista, génio extraordinario e caracter mesquinho, cheio de velhacaria e entusiasmo, de fé ardente e crueldade, de generosidade e hipocrisia, de bom senso e extravagancia.

Todos os seus actos se armonisaram com a sua natureza despotica, perturbada pela cegueira e abalada pela crença infiel do catolicismo.

Era horroroso compreender a tática de tão grande hipocrita, e eu explicitamente descreverei os seus modos, quer falando ou orando ao Deus, quer passeando ou divertindo-se.

A sua voz mulheril e debil, roncada a custo das entranhas corroidas pelo fanatismo, era impotente para impôr silencio a uma pleiade de estudantes briosos e dignos de melhor sorte.

Os seus modos, meu Deus, repugnam, constrangem, exaltam ainda os mais calmos, pois são um absurdo no genero humano. Cabeça inclinada, olhos baixos, andar sereno e passos compassados. Triste é contá-lo, mas era esta a norma *dum traidor*, que aparentemente era uma ovelhinha obediente ao seu *pastor*.

Pará, 6 de Outubro de 1915.

(Continua)

Avelino d'Almeida

Nova publicação

Ofertado pela *Tipografia Gonçalves*, de Lisboa, recebemos agora o **Manual dos Testamentos e dos Direitos de Sucessão, Direitos e Obrigações dos Herdeiros e Legatarios**, edição postuma, por J. Garcia de Lima, que se compõe do seguinte sumário:

Duas palavras necessarias. Dos testamentos em geral. Quem póde testar e

quem póde adquirir por testamento. Da fórma dos testamentos. Testamento publico, cerrado, militar, e maritimo. Testamento externo (feito em país estrangeiro). Disposições comuns ás diversas fórmas de testamento. Direito de representação. Da sucessão dos ascendentes e dos descendentes legitimos, dos filhos legitimos e ilegitimos, dos ascendentes do segundo gráu e seguintes, dos irmãos e dos seus descendentes, do conjuge sobrevivo e dos transversais, da Fazenda Nacional. Da herança jacente. Da legitima e das disposições inoficiosas. Da instituição de herdeiros e da nomeação dos legatarios e seus direitos e obrigações. Das instituições. Da deserdação. Dos testamenteiros. Das pessoas, coisas e actos que interessam aos testamentos. Autos de aprovação. Revogação de testamento. Perfilhações. Autos de abertura. Guia do tabelião. Algumas disposições da lei que respeitam a herdeiros, heranças e bens. Alguns termos proprios e seu significado. Arvore e quadro genealogico. Tabela de emolumentos, etc.

Cada volume brochado custa apenas 25 cent. e vende-se em qualquer livraria ou então na casa editora, R. do Mundo, 14.

Principio de incendio

Devido a uma explosão de gazolina no laboratorio dentario do sr. Candido Soares, foram na sexta-feira de tarde chamados os socorros dos bombeiros, que não chegaram a ser utilisados, por imediatamente se ter apagado o foga que começou de lavrar no mobiliario da casa.

Um empregado do sr. Soares, que recebeu várias queimaduras num braço, foi pensado na *Farmacia Aveirense*, recolhendo em seguida á cama.

Comunicados

...*Sr. Director de* O Democrata

Um Joaquim Martins de Melo, que por bem conhecido se não confronta, pediu a alguem que lhe escrevesse uma *palinodia*, onde a gramatica sofre tratos de polé e que fez publicar em o ultimo numero deste conceituado jornal. Nela se afirma, que a minha vida *tem sido atravessada de escandalos que mancham lares e torturam esposas*. Ora, francamente, não dei ainda por tal, antes os honrosissimos atestados que possuo, dos quaes um já foi publicado, rezam, sem duvida, o contrario.

Mas, como o emerito caluniador não se permitiu citar um unico facto concreto, nos tribunaes, onde o vou chamar, ele dirá, certamente, tudo o que souber, vomitando as insidias entre arrotos sonolentos de cachaça. E, para castigo dos meus *grrrandes e órriveis crimes*, eu desde já prometo dar a lume, nas colunas deste jornal, as *fulminantes* declarações do maltrapilho.

No tocante a notas falsas, consta-me que o Banco de Portugal anda a colher elementos para meter o homem na cadeia.

Mas, enquanto tal não sucede, e no intuito de prestar ao publico um relevante serviço, evitando que os incautos entrem na *ratoeira*, vou tornar conhecidos os depoimentos de dois honestos cavalheiros, que, pelo seu caracter e posição social, são superiores a toda a excepção.

Taes depoimentos estão insertos em uns autos de corpo de delito, em poder do digno escrivão desta comarca, sr. Albano Pinheiro. Aguardo que me seja entregue uma certidão, que já requeri, contendo o teôr de taes depoimentos, para os publicar em folha solta, que farei distribuir, profusamente, em Aveiro e Alquerubim, onde o miseravel caluniador é sobejamente conhecido.

Leiam e pasmem:

Roque José dos Reis, farmaceutico na cidade do Porto:

Disse, que tendo ido a Ilhavo, precisou, no regresso, de dinheiro em metal para pagar o frete do carro que alugára, entrando no estabelecimento **"A Brazileira,, de Joaquim Martins de Melo,** onde pediu para lhe trocarem uma nota de vinte escudos, e que o proprio Melo lhe declarou não ter, na gaveta da loja, o dinheiro preciso, mas que ia **lá cima, ao andar superior,** e o serviria. Efectivamente, minutos depois, o Melo lhe entregou duas notas de cinco escudos e o restante em prata, que guardou na melhor boa fé. No dia seguinte, já no Porto, querendo trocar as notas, verificou que **eram ambas falsas,** escrevendo imediatamente ao Melo a comunicar-lhe o facto, não obtendo resposta.

José de Almeida, proprietario, de Salreu:

Disse, que tendo ido a Aveiro, entrou no estabelecimento **"A Brazileira,, de Joaquim Martins de Melo,** onde fez algumas compras, dando em pagamento uma nota de dez escudos e recebendo, como demasia, uma nota de cinco escudos e alguma prata. Ao chegar a sua casa precisou de trocar a nota, verificando então **que era falsa.** No dia seguinte voltou a Aveiro, para conseguir que o Melo lhe désse outra nota, mas, sendo informado por amigos de que tal individuo era uzeiro e vezeiro na pratica de taes actos, preferiu o prejuizo a ter de se encomodar.

De v. etc.,

Antonio Soares de Albergaria

CORRESPONDENCIAS

Porto Alegre, Brazil 17 de Setembro

Esta cidade foi ante-ontem teatro dum invulgar duelo que causou a morte de dois homens.

Ha muito tempo que viviam em constante desarmonia o nosso amigo José Ribeiro, natural de Pinheiro, S. João de Loure, e Francisco Cuadrado, brazileiro, os quaes requestavam, ambos, a mesma mulher.

Como quer que se encontrassem no dia indicado, enfrentaram-se e de aí a provocarem-se desabridamente foi obra dum momento. Depois lançaram-se um ao outro de revolver em punho, espancando-se, com valentia, á coronhada. Subitamente José Ribeiro desenvencilha-se do seu contendor, recua alguns metros, dispara um tiro mas a bala perde-se sem acertar no alvo. Cuadrado, vendo-o a distancia, alveja-o tambem por sua vez e corre em sua perseguição. O tiroteio mantem-se de parte a parte até que se esgotam as munições. Nessa altura, porém, já ambos se encontram banhados de sangue. Ainda assim se agarram de novo e proseguem a luta á coronhada. Quando a policia chegou estavam os dois já caídos no chão, exaustos de forças, feridos de morte. Cuadrado poucos minutos viveu, e José Ribeiro conduzido, sem demora, ao Hospital da Mizericordia lá exalou o ultimo suspiro poucas horas depois de ter dado entrada.

O funeral deste foi feito por seu irmão, Manuel Ribeiro, indo acompanhar o cadaver á ultima morada muitas pessoas das suas relações e amizade.

Lamentando o triste acontecimento enviâmos a toda a familia enlutada os nossos pêsames.

José da Silva Abreu

Ois da Ribeira, Agueda, 26

Mas, como mais vale um passaro na mão do que dois a voar, resolveu paroquiar a freguezia, ainda que deslocado, tendo de sujeitar-se á interinidade da *catedral de Cabanões*, onde afluiram as turbas reaccionárias para o apoiarem nos seus ataques sectaristas, nos seus conselhos subversivos, chegando ao cumulo de aconselhar os seus *carneirinhos* a não tratarem com cultualistas nem sequer a apertarem-lhes a mão! Isto em plena missa, e no confessionario!!...

Com que então já viram um bebedo incorrigivel aconselhar um anti-alcoolico a não mais beber?! E' o cumulo. Foi o que sucedeu com o ex-presioneiro do Alto Duque.

Chega-te aos bons serás um deles... E' claro, pois, que os catolicos chegando-se aos cultualistas poderiam chegar a ser, como eles, bons cidadãos, bons patriotas, intemeratos defensores dos interesses da freguezia, e, ao contrário, chegando-se a ele ficam eivados dos mesmos vicios, do mesmo absolutismo jesuitico, do mesmo odio á luz e ao progresso, do mesmo egoismo, podendo chegar a serem perigosos conspiradores conforme a intensidade do seu reaccionarismo.

Falamos do absolutismo jesuitico porque sabido é que o lêma do jesuita é o *quero, posso e mando*; do odio á luz e ao progresso porque provas ha de sobejo que o jesuita, como o morcêgo e a coruja, só pódem viver nas trevas; do egoismo porque o jesuita propõe-se unificar o universo, e finalmente do atentatorio perigo dos seus conspiradores porque não ha quem não conheça que todos os meios são bons desde que alcancem o fim, (para o jesuita) tornando-se, portanto, duplamente perigoso um conspirador-jesuita.

Ha provas de tudo quanto apontamos, na historia, e até nos lembramos, tambem as ha entre nós; por exemplo: o masmarro disse um dia, á missa, que não considerava catolicos... *os que não lhe pagassem á risca*... como antigamente era costume pagar aos seus colégas! Parece que alguns debandaram. Se lhes parece, com tal igoismo!...

Mas lá continuou o homem, perdão, o rapazote, a sua nobre missão evangelizadôra... até que um bélo dia o Pimenta subiu ao poder.

Estava com a sua gente.

Mãos á obra. Era preciso que a cultual, o insuperavel obstaculo ás suas aspirações, desaparecesse e a ditadura, num rasgo de jesuitico-patriotismo, fez-lhe a vontade.

A de Ois foi das primeiras a serem dissolvidas, no concelho, pela influencia do Béco e do seu pernicioso amigo Guilherme Moreira.

Estralejam foguetes ás duzias, repicam os sinos dia e noite, lava-se a igreja por dentro e por fóra com agua-borica, perdão, com agua-benta e depois destas cerimonias pagãs, o reverendo tomou posse da igreja, podendo d'ora ávante exercer o culto sem dever obediencia á Cultual, á defunta que Deus haja!!!

Estávamos a 14 de Março.

Mal pensaría o tartufo que dois mezes passados e o 14 de Maio viría anular os actos da ditadura, resurgindo a Cultual.

No dia da posse, depois da competente lavagem com agua-benta... por um conspirador e *incenso aos cardumes*..., como diz o outro, o que tudo ele fez saber ser para levantar a excomunhão á igreja em virtude de nela terem celebrado sacerdotes cultualistas e pensionistas e de lá terem entrado cidadãos republicanos, trataram os cultualistas de prestar contas á respectiva autoridade, com a presença do então prior, pela lei pimenteira.

Devia dar um exemplo de prudencia e tratar os cultualistas com a mesma delicadeza com que eles o trataram sempre, mas ao contrário, quiz dar aos seus um exemplo de incitamento á revolta e zás: pregou-lhes com as portas na cara, como se costuma dizer.

Passados oito dias da posse repetiu-se a fantochada do passado domingo mas então com a assistencia da padralhada, aplicando-se segunda dóze de agua-benta e *incenso aos cardumes* tambem; no fim da provocação o masmarro comandante da fantochada tratou da organisação de uma comissão cujo fim era recolher donativos por toda a freguezia, não excluindo mesmo os republicanos; nessa comissão tentou fazer entrar correligionarios nossos que energicamente repeliram tal convite fazendo disso cientes todos os amigos do grupo republicano.

E' claro que em resposta ás afrontas que tinham no anterior domingo

boa onde foi aguardar a madrugada restauracionista. E ficou-se por aqui. Voltou a passar o caderno, olhando-nos de soslaio, até que quando lhe apeteceu ordenou: ora escreva lá para titulo e ouça bem tudo quanto vou dizer, pedindo-lhe para que deixe a curiosidade dos seus leitores ou a sua, enquanto eu fôr o encarregado de ditar-lhe as revelações que servem de elucidario ao país. Porque senão *quem tudo quer saber nada se lhe diz*:

OS CONSPIRADORES CONTENTES —MIGUELISTAS E MANUELISTAS ENTENDIDOS

E esta criatura singular, sem um sorriso, face parada e glaba, olhos fulgurantes e lábios finos de italiano velhaco, esguio e impenetravel como um mistério, continua: ora escreva lá:

Enquanto as tais e outras peripécias se seguiam—cá estâmos escrevendo—os trabalhos dos conspiradores iam de vento em pôpa. Tudo corria a favor da causa dos conjurados e as circunstancias, as mais imprevistas, congregavam-se para garantir o bom sucesso da insurreição. O perigo, aquele grande perigo que o Jaime Silva tremia por motivo da rutura manuelista-miguelista, esse mesmo estava conjurado!

Tivémos aqui um gésto de assombro. E o homem imperturbavel e imperioso, volveu: ora escreva. Escreva: Milagre! Grande milagre! A sorte—cá estâmos escrevendo—favorecia o *Mijareta*. Ora quer vêr?

A 10 de Outubro, ás 17 horas e 20 minutos, era expedida de Vigo para Inglaterra, por via Cabo, a seguinte comunicação:

imensamente superior aos de rotulo *Soto-Maior*. E o Aparicio de Miranda tambem tinha disso!...

... Pois não querem lá vêr *aquele patéta* a tentar repetir a comedia do ano passado? Esperem ao menos a historia de 1914 que hade seguir a de 1913 e deixemo-nos de patetices e toleimas!

Senão desanda a *caixeirinha!*...

Nas vésperas...—Mais armamento e homens sem mêdo—Outra importante "ordem de serviço,,—Azevedo Coutinho entra por Lanhelas—Miguelistas e manuelistas finalmente de acôrdo

... Horas depois da primeira comunicação telegráfica expedida pelo comando central aos sectores das Rondas, recebiam estas ordens para abandonar a vigilancia entre Caminha e Valença, vigilancia a cargo do sector de Vila Nova de Cerveira, da Ronda de Caminha e sentinélas de Seixas e de Lanhelas.

A comunicação telegráfica, em estilo de caixeiros viajantes, dizia: *Não faça baixo Minho. Aguarde ordens, recolha informações clientes que mandará ambulancia.*

As Rondas entenderam que Azevedo Coutinho entraria pelo seu sector e que nova introdução de armamento estava, pelo menos, eminente. Que em virtude das deliberações tomadas na madrugada festiva de 5 de Outubro, convinha deixar o campo aos conspiradores, recolhendo, no entanto e prudentemente, todas as informações, isto é, seguindo de longe as operações da conspirata e que o oficial rondante devia ir ao encontro da ambulancia, ronda volante da estrada Viana a Caminha, onde receberia instruções. E recebeu-as.

A ENTRADA DE FRAGOSO É ANUNCIADA

O oficial de ronda recebeu, perto de Ancora, todas as

recebido, resolveram os republicanos não concorrer com qualquer óbulo, mesmo por recearem que a sua aplicação fosse outra que não a do culto, como por exemplo o azeite, que em logar de servir para a lampada podia ser para desenferrujar os parafuzos da Ponte do Pano e assim melhor se desatarracharem...

Assim ficou o rapazote desautorado e não se realisou a comedia ao ar livre!

Quando da festa da Pascoa ou do Compasso, como por aqui lhe chamam, surgiu nova *incrença*, como diz o amigo Anacleto...

Declarou á missa em voz alta e bom som, que não entrava em casa alguma cujo chefe de familia se não tivésse confessado. Mas apezar disto o incoerente entrou em casa de confessados e não confessados e até em casa de alguns republicanos, não entrando em casa de todos por algumas portas estarem fechadas.

Incoerencia ou astucia de jesuita? Não será uma e outra coisa?

Durante o passeio pascal não deixou o admirador do Santo Inacio de fazer a sua propaganda e assim ouvimos ele largar á queima roupa a um nosso conhecido ali de Cabanões, cujos sentimentos politicos não indagámos, a seguinte pergunta: *então o sr. tambem aí entra?*

Tinha o dito cavalheiro chegado á porta do nosso Centro Republicano onde estava em cavaqueira, quando o padre, subindo as escadas que levam á sala do Centro, se dirigia para uma outra contigua onde deveria efectuar a visita ao sr. Jacinto Henriques. Passando por isso á porta do Centro dirigiu a tal pergunta ao referido cidadão.

=Com que então sr. prior (lá deles!) não póde qualquer cidadão entrar no Centro porque fica excomungado, não é verdade?

Se isso de excomunhão fosse alguma coisa que se comesse então muito felizes seriamos nós, o prior e o pae que já entraram no Centro, *mas não ficaram excomungados porque aí foram com fins interesseiros.*

Talvez que o discipulo de Loiola já não se lembre. Naturalmente na ocasião em que foi pedir a dissolução da Cultual, tal entusiasmo dele se apoderou, que perdeu a transmontana e não se lembrou que estava no Centro.

Foi tambem do que a pedido de seu pae se concordou em proteger o *humilde pastôr* que no Alto Duque esteve encarcerado pelo mais vergonhoso delito—crime de leza Patria.

= A' praia da Barra foi o nosso amigo sr. Ricardo Pires, de visita aos nossos amigos srs. Albano de Almeida e Alberto Marques.

Zé d'Ois

Curso elementar de pilotagem

EM

AVEIRO

(1.º e 2.º ano)

leciona:

Idemundo Tavares da Silva

1.º tenente de marinha, adjunto da Capitania do porto de Aveiro

Ama Oferece-se de primeiro leite, sadia. Nesta redacção se indica.

Dentista

Candido Dias Soares

Cirurgião-dentista pela Escola Medica do Porto, tambem conhecido por "Candido Milheiro„ ou "sobrinho do Milheiro„

Abriu o seu consultorio permanentemente desde o dia 1 de fevereiro do corrente ano na rua dos Mercadores, n.º 8—1.º

AVEIRO

Edital

Regimento de infanteria n.º 24

O Conselho Administrativo deste Regimento faz publico que no dia seis de Novembro do corrente ano, pelas doze horas, na sala das sessões do mesmo Conselho e perante ele, se realisará o concurso para a adjudicação da empreitada de construção de alvenaria nas paredes do rez-do-chão da ala poente do edificio do exconvento de Santo Antonio nesta cidade de Aveiro.

As condições para o concurso e as da empreitada poderão ser examinadas pelos interessados, na sala das sessões deste Conselho, desde as 11 até ás 16 horas dos dias anteriores ao do concurso, a partir de hoje.

O deposito provisorio, que será preciso fazer para ser admitido como concorrente, é o de doze escudos (12$00). O deposito definitivo para obter a adjudicação da empreitada é o de cinco por cento (5 o/o) da mesma adjudicação.

Aveiro, 22 de Outubro de 1915.

O Secretario do Cons.º Ad.º

Antonio Ernesto d'Almeida

Estudantes

Aceitam-se dois em casa particular, para serem tratados como familia, muito proximo ao liceu.

Nesta redacção se diz.

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias) 1$20
Semestre $60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte. . . . . . 2$50
Avulso. $02

Anuncios

Por linha . . . . . 4 centavos
Comunicados . . . 2 »
Anuncios permanentes, contracto especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Anselmo Taborda

ADVOGADO

R. dos Mercadores, 19 e 19 A

Aveiro

Moto F. N.

Modêlo de 1914 em cilindro e com debrayagem, vende-se.

Quem pretender dirija-se a João Gomes Soares—Alquerubim.

Biciclete

Vende-se uma em bom uso. Nésta redacção se diz.

Tremoço bravo

E' o adubo melhor e mais barato para vinhas e terras. Dá-se a qualquer terreno.

A' venda na casa de cereaes de José dos Santos Gamélas, de Esgueira.

Juizo de Direito

DA

Comarca de Aveiro

ARREMATAÇÃO

(2.ª publicação)

No dia 14 de Novembro proximo, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial da comarca e na execução hipotecaria, em que são exequentes Luiz de Oliveira e mulher Palmira Ferreira de Oliveira, e executados Maria dos Santos Fráde, viuva, João de Oliveira e mulher Rosa Carola de Oliveira, Antonio de Oliveira e mulher Rosa Ferreira de Oliveira, Eduardo de Oliveira e mulher Maria da Luz de Oliveira, Joaquim de Oliveira e mulher Maria Saraiva Fé, e Rosalina Ferreira de Oliveira, viuva, e seus filhos menores Antonio e Rosa, todos de Ilhavo, vão á praça para serem arrematadas por quem mais oferecer sobre a avaliação, quatorze decimas sextas partes de um predio de casas com pateo, poço e mais pertenças, sito na viéla do Chocha, da rua do Espinheiro, de Ilhavo, avaliadas — aquelas partes—em 367$50.

Por este meio são citados quaesquer credores incertos para deduzirem os seus direitos.

Aveiro, 19 de Outubro de 1915.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão,

Francisco Marques da Silva

Na rua de José Estevam n.º 37 (rua Larga) compra-se ouro uzado, trocam-se ou vendem-se bonitos objectos de ouro ou prata e concertam-se os mesmos por preços baratos na oficina e ourivesaria Vilar.

EDITAL

5.ª Divisão do Exercito

DISTRITO DE RECRUTAMENTO N.º 24

Antonio Rodrigues Mendes Castanheira, tenente coronel de reserva e chefe do D. R. n.º 24, em desempenho do artigo 127.º e seu § unico do regulamento dos serviços de recrutamento, faz saber que foi distribuido o contingente militar do corrente ano para a armada pelos respectivos concelhos, da seguinte fórma:

Concelhos	Numero de mancebos sorteados para a Armada	Contingente para a Armada
Albergaria-a-Velha	99	1
Arouca	108	1
Aveiro	163	1
Estarreja	329	2
Macieira de Cambra	111	1
Oliveira de Azemeis	323	2
Ovar	239	2
Sever do Vouga	80	1
Soma	1.469	11

Quartel em Aveiro, 20 de Outubro de 1915.

O Chefe

Antonio Rodrigues Mendes Castanheira

Tenente Coronel

Casa de emprestimo sobre penhores

=DE=

João Mendes da Costa

(FUNDADA EM 1907)

RUA DA REVOLUÇÃO, 63
E TRAVESSA DO PASSEIO, 10

(Em frente da Escola Central do sexo feminino)

AVEIRO

Nesta acreditada casa empresta-se dinheiro sobre brilhantes, ouro, prata, roupas de todas as qualidades, bicicletas, mobilias, calçado, relogios, maquinas de costura, instrumentos, louças etc.

Os juros sobre brilhantes, ouro e prata é de 5 rs. cada 1$000 ou seja 6 o/o. ao ano.

Sobre os outros artigos tambem o juro é muito reduzido.

Esta casa acha-se aberta todo o dia.

74

comunicações do comando, por uma noite de frio, inquieta e silenciosa.

Mas façâmos a historia.

Estâmos a 8 de Outubro, vésperas do grande dia da entrada do *Fragoso*, o Azevedo Coutinho. Os nossos correligionários verificam que tudo está a postos. E á luz duma lanterna de furta-fogo, sobre o outeiro que fica numa dobra de caminho, para lá de Caminha, logo após a ponte sobre o Coura e muito perto de Seixas, as *Rondas* tomam conhecimento da seguinte *ordem de serviço*, expedida de Tabajon pelo dr. Carneiro e assinada por *Pepe Ibanez*, novo pseudónimo do doutor:

«Outubro, 8.

Camarada Lentilhas

Vão hoje 67 Remingtons e munições para estas em dois sácos e de dois formatos, mas do mesmo calibre. Vão tambem munições Browning para substituir as que mandaram para Lisboa e tambem carregadores suplementares. Destas muniços vão grandes e pequenas.

Cá ainda ficam para ir para o Porto 30 pistolas Mauser e munições. Quando vem busca-las? Avise a Celestina Rocha, Mendes Nuñes 1—Guardia—dizendo: *Vae hoje vestido*—e querendo isto significar que V. *vem no dia seguinte*, isto para dar tempo ao transporte. Acha bem? Tambem póde reforçar a participação escrevendo para Pepe Ibanez—Tuy—Tabajon.

Diz Consuelo de Vigo que não foi possivel—por causa da falta de tempo para o telegrama para a Guardia, pois só foi entregue ás 9 horas e só aqui me chegou ás 11 da noute—sustar a entrada de *Dois* homens que ontem deveriam ter aparecido em Cedofeita—seu escritorio. Todavía é aproveitavel—um foi cabo da guarda municipal e parece homem sem mêdo—o outro é de Famalicão, fez bôa figura o ano passado em Valença e diz que tem vontade de entrar no assalto á Serra.—Em face disto devem protege-los e dar-lhe destino conveniente.

Amanhã—quinta-feira—(9) é a entrada do Fragoso, pois engalinha com a entrada *á* sexta-feira. Conseguintemente é *necessário* que V. esteja **aí, no sitio do costume,** *ás 11 e meia da noute*, ou o mais tardar *meia noute*. Não se esqueça que ele quer os *2* automoveis.

75

Você tome cautéla no percurso a seguir por quanto um sargento de cavalaria de Braga, que agora tem estado em Viana e percorrido o distrito, em inspecção aos cavalos particulares—sargento de nome Robi—disse que havia um automovel que vinha todas as semanas uma e duas vezes cá para cima e que se desconfiava andava no contrabando de armas, mas que já estavam tomadas providencias para ser preso em Viana ou Valença.

Se quando ámanhã viér buscar o Fragoso já estivér orientado de maneira a poder marcar dia para vir buscar as *Mausers* então entregue um bilhete aos rapazes com a designação dele, dizendo-lhe que mo tragam na manhã seguinte.

E mais nada.

Não esqueça o serviço de ámanhã para o Fragoso!

Adeus.

Abraça-o o camarada,

Pepe Ibanez»

AZEVEDO COUTINHO ENTRA EM PORTUGAL POR LANHELAS

Era coisa assente a entrada do grande homem. E efectivamente em 9 de Outubro de 1913, Azevedo Coutinho entrava em Lanhelas, apadrinhado pelo reitor de Caminha e pelo Aparicio de Miranda, os quaes, tomando lugar num automovel, se dirigiram para o Porto em direitude á Quinta do Alão, em S. Mamede, onde se albergaram.

Nesta oportunidade cabia um romantico capitulo historiando essa entrada verdadeiramente historica. Como durante o decorrer desta historia, se marcará hoje mais este lapso a que os nossos queridos correligionários nos obrigam. Ela foi cortada de interessantes peripecias que o delegado das Rondas nos esconde, observando que em capitulo á parte, em que se relatará tudo o que se prende com a viagem de Azevedo Coutinho, elas aparecerão prendendo a emoção da respeitavel colectividade de leitores que seguem o desenrolar da fita!

E passando folhas e folhas do seu *respeitavel processo* o nosso informador continua: do Porto e já depois de mudar de domicilio Fragoso de Azevedo Coutinho, seguiu para Lis-

Alfaiataria [illegible]

RUA DA COSTEIRA

AVEIRO

O proprietario deste estabelecimento participa aos seus Ex.mos freguezes que acaba de receber um variado sortido de fazendas estrangeiras e que ha de mais *chic* para a estação de inverno.

Possue tambem o mesmo estabelecimento, no 1.º andar, um magnifico *atelier* de chapeus de senhora, acabando de receber ha pouco de Paris os modêlos da ultima moda assim como um sortido lindissimo de flôres vindas directamente daquêle centro da moda.

Pessoal habilitado para a confecção rapida de todos os trabalhos de que se garante o aperfeiçoamento.

Aos Ex.mos freguêses e freguêsas solicita-se, pois, uma visita a este estabelecimento

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.